

LEITURA EM TRANSFORMAÇÃO: DO PERGAMINHO AO FACEBOOK OU DO FOCO À DISPERSÃO¹

READING IN TRANSFORMATION: FROM PARCHMENT TO FACEBOOK OR FROM FOCUS TO DISPERSION

Ana Paula Klauck
IFES
anaklauck@gmail.com

Resumo

O texto propõe uma reflexão sobre as mudanças que a leitura sofreu ao longo dos anos, com foco nas transformações mais recentes, relacionadas ao crescimento da importância das redes sociais digitais na nossa vida. Traço um caminho das práticas de leitura tecendo também considerações sobre a escrita e sobre a forma como o ser humano se relacionou com ela ao longo de sua história. Visito estudos de Alberto Manguel, Martyn Lyons e Roger Chartier, que me ajudam a apresentar um viés diacrônico, e proponho uma reflexão sobre as práticas leitoras atuais, que com frequência acontecem a partir de redes sociais na internet, e muitas vezes são desconsideradas e ignoradas em sala de aula, apesar de fazerem parte da vida dos jovens e da maioria das pessoas adultas cotidianamente. É imprescindível percebermos que, hoje, muito do conhecimento, da informação, das interações humanas acontece nessas novas formas de ler (e escrever), e que elas também podem ser modos muito ricos de produzir sentidos e diferentes tipos de textos. Reconhecer como legítimas as práticas de leitura contemporâneas é essencial para que possamos refletir sobre elas, e pensar a que necessidades respondem, que sentidos constroem, e, como expressão humana, como podem nos ajudar a compreender o mundo em que vivemos.

Palavras-chave: Práticas de leitura. História da leitura. Leitura contemporânea.

Abstract

The text is a consideration about the changes in reading practices over time, focusing on more recent transformations related to the growing importance of digital social networks. I draw reading's path and also make some considerations on writing and how people practiced it throughout its history. I visit studies by Manguel, Lyons and Chartier and present a diachronic perspective, pondering over current reading practices,

¹ O texto traz estudos realizados no grupo Cultura e Tecnologia (Ifes-Serra), do qual a autora é líder.

which frequently are disregarded and ignored in the classroom, even though they are part of most young and adult people 's life on a daily basis. It is important to see that today a great part of knowledge, information and human interaction takes place within these new ways of reading (and writing), and that they can also provide resourceful tools to produce meanings and different kinds of texts. It is essential to acknowledge the legitimacy of contemporary reading practices in order to be able to think about them and ponder about what needs they meet, what meanings they produce and, as human expression, how they may help us understand the world we live in.

Keywords: Reading practices. Reading history. Contemporary reading.

É muito comum hoje ouvirmos profecias sobre a forma como as pessoas estão perdendo contato com a língua escrita, ou a chamada língua culta, e estão cada vez lendo menos. Também é comum que haja preocupações inúmeras em relação aos mais jovens, pois afirmamos que eles não sabem ler, não são estimulados a ler, e escrevem de maneira errada. O parâmetro que normalmente usamos para essas profecias é uma comparação à forma como nós, que nascemos antes dos anos 90, aprendemos e fomos educados na escola. Lembramo-nos dos livros que fomos obrigados a ler, das fichas de leitura, das provas orais, de decorar os modos e os tempos verbais, dos ditados, de escrever e memorizar repetidamente em sala de aula palavras e dados que pouco usaríamos em nossa vida – como alcateia, mesóclise ou ditongo aberto. Quando pensamos que os jovens não leem, que não escrevem, que não sabem se comunicar, não estamos falando, de fato, de comunicação, de leitura, de escrita. Não estamos dizendo que eles não sabem – o que estamos evidenciando é que nós, professores, adultos, pais, não sabemos. Estamos mostrando que a gente é que não prestou a atenção, não notamos que não estamos mais falando de uma pessoa que cresceu em 1980, 1970 ou antes, assim como não estamos mais falando de modos de ler ou escrever dessa época. E tampouco se trata do mesmo mundo. Quando insistimos em dizer que não se lê e não se escreve hoje, nas primeiras décadas do século XXI, estamos mostrando que nós é que não sabemos mais o que é ler e escrever hoje, no século XXI. É uma visão romântica e nostálgica da leitura, que

despreza mudanças importantes que poderiam nos levar a uma reflexão um pouco mais aprofundada.

Quando falamos em leitura, principalmente, nós, professores ou estudantes da área de Letras ou da área da educação, é muito comum que se tenha uma visão idealizada, à *la* “Felicidade clandestina”. Lembramo-nos de devorar livros, de passar horas mergulhados na leitura, de aprender, de viajar, de conhecer, tudo com o nariz enfiado em um livro. Ah, o cheiro do livro! A gente tem até fetiche pelo cheiro de livro novo... e, alguns, até pelo cheiro do livro antigo, pela história, pela traça, pela orelhinha no pé da página. Olhamos para como lemos – ou líamos – e achamos que a leitura sempre foi isso, e que a palavra escrita sempre foi assim. Mas, para entender melhor a leitura hoje, é importante fazer um exercício de tentar perceber as mudanças que ela vem sofrendo há muitos e muitos anos.

Para entender como a leitura mudou ao longo dos séculos, é importante lembrar como a palavra escrita foi veiculada ao longo do tempo. Onde foi escrita a primeira palavra? As pesquisas nos mostram que a escrita, no longínquo passado em que surgiu, era realizada em paredes, ou em objetos grandes e pesados – sólidos, consistentes (LYONS, 2011; MANGUEL, 2010). Penso que a maior representação desse “peso” são as tábuas com os dez mandamentos. Qual a ideia que a escrita em um pedaço de pedra nos passa? De duração, de permanência – ao mesmo tempo de trabalho para ler (e para escrever), afinal, são objetos pesados, duros, difíceis de carregar, de acessar (CHARTIER, 1999). O que estiver escrito neles é para durar, para sobreviver. Desse modo, não só o que for escrito deve ser escolhido com cautela, já que vai dar trabalho para entalhar, como os que lerão serão poucos, pois o acesso ao pesado objeto é limitado. Trabalho também as pessoas tinham para encontrar os materiais em que as coisas eram escritas: o barro, a argila, a pedra deveriam ser preparados, esculpidos, cortados. Mais tarde, surgiram outras tecnologias, mas que também exigiam processos de preparação: o pergaminho, uma pele de animal tratada, ou o papiro, que era feito a partir de uma planta, e havia também carapaças de animais, ossos e tecidos (LYONS, 2011). O processo de fabricação ou preparação dos materiais onde escrever era até mais trabalhoso do que a escrita em si. Tudo isso indicava que havia um longo processo até que a escrita fosse efetuada. Isso também

garantiu, em contrapartida, que muitos desses escritos permanecessem até hoje (os manuscritos do mar morto, as inscrições nas tumbas egípcias – todos exemplos de escrita de milhares de anos atrás). Por serem tão difíceis de serem produzidos, não havia muitos materiais escritos e, portanto, também não havia muitas pessoas que sabiam ler. Manguel (2010) afirma que a leitura era privilégio de poucos e, por isso, foi ganhando uma série de rituais que a acompanhavam. Os processos de leitura envolviam, na maioria das vezes, a leitura em voz alta. Além disso, Lyons nos lembra que pontuação, divisão de frase e de parágrafo são invenções que surgiram depois do século XV, após a popularização da imprensa (2011). Ou seja, a escrita, por muito tempo, foi fluida e contínua. As pausas e o desmembramento dos trechos eram feitos na hora da fala (leitura em voz alta), o que pressupunha um leitor muito habilidoso. A leitura em voz alta – além de possibilitar um maior acesso a um objeto que, antes da imprensa, era muito caro (na medida em que propunha a socialização da obra entre várias pessoas através da recitação) – era importante para que o leitor pudesse habilitar as pausas e o ritmo das frases e dos trechos, já que o texto em si não carregava essas marcas (MANGUEL, 2010).

A escrita, portanto, ao longo dos anos, sofreu inúmeras mudanças. A expressão de ideias começou com imagens, desenhos, passou por hieróglifos (um híbrido entre escrita e desenho), chegou na representação gráfica dos sons, que foi se transformando em inúmeros alfabetos até formar os que conhecemos hoje (LYONS, 2010). Os materiais de leitura também se transformaram: houve pedras, tabuletas de argila, de pedra, de madeira, peles de animais, papiro, papéis de diferentes tipos e feitos com diferentes técnicas. E, hoje, vemos cada vez mais a escrita sair dos meios físicos e existir não materialmente, em meios virtuais, sendo mediada não mais por papel, mas por telas (CHARTIER, 1999), muitas vezes, sensíveis ao toque. Se tudo isso mudou, uma reflexão sobre os tempos em que vivemos nos leva a pensar que as formas de ler também mudaram: a leitura começou fragmentada, inacessível, quase desnecessária, tornou-se ritualística, realizada pelos iniciados, reforçou-se como atividade física, expressa em voz alta, no dedo que anda na página, no tocar grandes objetos que, por sua vez, guardavam a escrita (MANGUEL, 2010). Foi por anos, e ainda é às vezes, um esforço físico: exigia braços fortes, pescoços tesos, mãos que

seguiam linhas e amparavam pesos; mãos para abrir rolos, para desatar cordões, para palpar ranhuras e reentrâncias em superfícies duras ou para carregar tomos, abri-los, tocar ásperos papéis ou peles. O surgimento do óculos, explica Manguel (2010), reforçou essa ideia, pois ofereceu ao atleta da leitura um acessório imprescindível. Os óculos tornaram-se, e são até hoje, sinônimo de intelectualidade, de saber, de massa cinzenta.

O caminho da leitura se cruza com o da escrita, obviamente, mas também se cruza com o do livro. Com o surgimento da imprensa, em 1440 (LYONS, 2011) o livro ficou mais popular, as traduções se aceleraram, e a leitura se tornou mais acessível. Um grande exemplo de como a leitura se tornou acessível é pensarmos nas traduções da bíblia do latim para línguas vernáculas, propostas por Lutero na Reforma, no século XV na Alemanha (MANGUEL, 2010). A difusão da bíblia em outras línguas que não o Latim – que era domínio da Igreja Católica – foi um ato escandaloso, e que só foi possibilitado à época, porque Gutemberg trabalhava para que sua invenção [ou dos chineses – há controvérsias, segundo Lyons (2011)] fosse disseminada. Ao inventar a imprensa e os tipos móveis, Gutemberg permitiu que a publicação de livros saísse da mão dos copistas – que, na maioria das vezes eram monges, e demoravam meses para finalizar cada cópia, além de, eventualmente, adicionarem alguns trechos a seu gosto (MANGUEL, 2010) – e passasse para os editores. Isso fez com que as publicações tomassem fôlego e popularizassem o hábito da leitura.

Voltemos à bíblia. A tradução da bíblia foi considerada uma imoralidade, pois tornou profano aquilo que, como já dissemos, era um ato sagrado. A tradução da bíblia, sua impressão na invenção de Gutemberg e a forma como sua leitura se modificou a partir dessa época são representativas para a história do livro e da leitura em si. A Igreja Católica era a única que detinha o conteúdo bíblico, pois as cópias que havia eram em latim e, mesmo que a pessoa soubesse ler, o que era raríssimo, ler em latim seria ainda mais raro. Ou seja, apenas os membros da Igreja poderiam ter acesso aos conteúdos. Como o acesso era pouco, tratava-se de um livro cujo conteúdo era um mistério. Lê-lo era um privilégio, uma tarefa apenas para iniciados, abençoados, enfim, para os que sabiam ler, e, ainda, em latim. A leitura era ritualística, protegida, sagrada, feita apenas em situações muito exclusivas, e significava acesso ao conhecimento, ao

saber e, mais do que isso, acesso ao sagrado, ao inatingível, impalpável (LYONS, 2011). Quando a bíblia foi traduzida, e, depois, reproduzida pela imprensa, seus exemplares foram distribuídos em inúmeros lugares, o que diminuiu sua exclusividade. Se pensarmos no movimento religioso liderado por Lutero, que propunha justamente a aproximação das pessoas com deus, entre outras coisas, através da leitura individual da bíblia, de sua própria interpretação, do acesso ao divino de acordo com as próprias necessidades do homem, podemos concluir que essa nova proposta só foi bem-sucedida por causa da imprensa (MANGUEL, 2010). A nova religião foi muito conectada a essa invenção, pois propunha o acesso de todos à leitura, em específico, da bíblia – que só começou a circular à medida que mais cópias foram impressas (antes, as cópias eram de responsabilidade da Igreja – nas mãos dos copistas). Nesse momento, não somente a bíblia, mas a produção de livros parou de depender dos monges copistas, passou aos editores e livreiros, e tornou-se cada vez mais numerosa. Podemos ver aí também uma mudança na forma em si como as pessoas liam. Assim como a bíblia foi traduzida e disseminada com a iniciativa de Lutero e a invenção dos tipos móveis, outros livros também passaram a circular e a serem vendidos. Gêneros surgiram, livreiros surgiram, editores surgiram (CHARTIER, 1999). A disseminação do livro através da imprensa, assim, mudou as facetas do que era a leitura até o século XV: ao fazer aumentar a produção dos materiais de leitura, fez surgir mais leitores e evidenciou o ato da leitura não somente como acesso ao conhecimento ou à espiritualidade, mas como atividade do dia a dia, prazerosa e lúdica, uma opção de lazer (LYONS, 2011).

A mudança que a imprensa causou nos hábitos de leitura foi tão grande, no sentido de disseminar e dessacralizar a leitura, além de torná-la acessível e parte do cotidiano das pessoas, que antigos temores sobre os perigos do hábito de ler [que já existiam desde a antiguidade, em textos de Sócrates, afirma Manguel (2010)] evidenciaram-se. Fernández e Kanashiro comentam sobre isso no artigo "Leitura: da antiguidade ao século XXI. O que mudou?":

Faz-se também pertinente lembrar que ela (a leitura) nem sempre foi prestigiada. Há obras na literatura, como *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes, *Madame Bovary*, do francês

Gustave Flaubert, e *O primo Basílio*, do português Eça de Queirós, que problematizaram em seus enredos a questão da leitura. Nas referidas obras, os protagonistas mergulharam na atividade de ler e entregaram-se à fantasia, confundindo realidade e ficção dentro da própria ficção construída (FERNÁNDEZ; KANASHIRO, 2011, p. 41)

Em 1605, cerca de 150 anos após a popularização da imprensa, Cervantes publica *Dom Quixote*, que conta a história de um personagem que enlouqueceu de tanto que lia. Tão envolvido era com as novelas de cavalaria, que devorava vorazmente, que passou a ter dificuldades de diferenciar o real do ficcional (CERVANTES, 2005). Dom Quixote é representativo dessa época: o personagem de Cervantes expõe comicamente e com tons de ironia uma preocupação que passou a haver (e que hoje temos ainda em relação à influência dos jogos de *video game* e da internet nas crianças, por exemplo): sobre como os livros podem afetar a vida de uma pessoa e sacrificar a em uma fuga da realidade. No final do livro, o prognóstico é negativo, e culmina em uma morte triste, desamparada. O "problema" do excesso de livros ou de leitura só pode ser abordado em um romance porque nessa época já há livros e um temor de sua influência dos quais falar. Ou seja, em alguns anos da existência da imprensa, o número de leitores e de livros circulando, que antes era ínfimo e sem representação social, o que tornava o ato da leitura ritualístico, lento, profundo, dedicado e muito demorado, aumentou a tal ponto que já era possível pensar na leitura como um vício prejudicial: ou seja, de sagrada, em poucos anos, ela passou a profana.

É interessante também pensarmos, no caso do Dom Quixote, que houve um tempo em que a leitura, pela sua difusão tão ampla, era vista como preocupante e alienante. Ou seja, não somente a leitura passou para as mãos de vários, saindo de seu status de privilégio, tornando-se um ato do cotidiano, como ela também passou a ser vista como um risco. As discussões que temos hoje sobre se é prejudicial ou não passar horas na internet ou se ler na internet prejudica ou dificulta a leitura de um texto longo, ou ainda, se a escrita na internet faz com que não saibamos escrever fora dela, ou se passar muito tempo na internet faz com que a pessoa desconecte da realidade, explicam Fernández e Kanashiro (2011), muito se parecem com os temores que havia sobre como o excesso de leitura poderia prejudicar uma pessoa e que se intensificaram

à medida que os livros se tornaram mais populares e acessíveis, a partir do século XV. Houve um tempo em que os livros passaram a circular de tal forma, que havia preocupação de sua influência negativa. O personagem de Dom Quixote, que Cervantes parece usar para chamar a atenção para o alarmismo desse pensamento, é um exemplo disso: em pleno século XVII, estamos falando de um velho que, tendo a casa cheia de romances de cavalaria, passa a acreditar que é um cavaleiro também. Um pouco depois, no século XIX, em 1857, percebemos que esse assunto persiste: *Madame Bovary*, lançado por essa época, trata de um tema muito semelhante. Mais uma vez, temos uma personagem que, mergulhada nos livros, de repente se desconecta da realidade. O final também é trágico, o que nos leva a crer que os perigos da leitura ainda eram um assunto premente, que persistia no imaginário da época.

Antes ritual, sacração, privilégio, depois hábito alienante, vício, a leitura e as formas de ler foram mudando com os séculos. A leitura aos poucos se distanciou da ideia de liturgia inacessível, e foi sendo mais difundida, à medida que mais leitores surgiam. Mais leitores, nesse caso, não se trata simplesmente de simpatizantes da literatura, mas de mais pessoas alfabetizadas (MANGUEL, 2010). No século XVIII, com o conceito de universidade muito similar ao que conhecemos hoje se formando, cada vez mais a leitura e o saber eram valorizados. Com isso, mais pessoas eram alfabetizadas, o que tornava a leitura uma atividade muito comum. E, como qualquer atividade humana, acompanhou mudanças e transformações do mundo e da sociedade ao longo dos séculos.

Considerando uma época mais próxima, o século XX, podemos pensar em como eram os hábitos de leitura de anos atrás, com base em nossas próprias experiências na escola e na infância. Quais os hábitos de leitura que nós tínhamos 15, 20, 30 anos atrás? Como a leitura era tratada na escola? Como nossos pais nos estimulavam a ler? Como era nosso acesso aos livros? Quais livros tínhamos disponíveis? Era fácil conseguir livros? Qual era nosso envolvimento com os livros que éramos obrigados a ler? Quão mediadas eram nossas leituras? Todas as crianças dessa época liam quando a escola obrigava? Quais as atividades que eram realizadas para garantir a fruição e a compreensão da obra?

Essas questões se colocam principalmente diante das críticas e preocupações que temos hoje e que mencionei no início do texto: o apocalipse da leitura no século XXI está baseado, de maneira muito próxima, em uma visão do passado que temos e que diz respeito, na maioria das vezes, a uma perspectiva um tanto idealizada de leitura, que remete a um passado em que as pessoas liam mais, os alunos liam mais, as crianças liam mais e, conseqüentemente, todos eram mais competentes na escrita e no uso em geral da língua. A que época estamos nos referindo? Até que ponto esse apego ao passado nos impede de olhar para a nossa realidade hoje?

Como professora de Português e Literatura Brasileira, no primeiro dia de aula, eu costumo perguntar aos alunos: "Quem costuma ler?", "Quem costuma escrever?". Na maioria das vezes, poucos dizem que sim. Eles ficam envergonhados, confessam uma eterna dívida com a leitura que, logo adiantam, não conseguem pagar apesar das enormes cobranças dos professores, dos pais, da escola, da sociedade. A sensação do professor diante dessas questões, muitas vezes, é essa – de que seu papel é cobrar uma dívida que os alunos nunca pagarão. Ao final dessas perguntas, costumo replicar: "E o que vocês fazem o dia inteiro, então?". E todos respondem que passam o dia na internet. Pergunto o que eles fazem na internet. Eles ficam no *Whatsapp* o dia todo, no *Facebook*, no *Twitter*, no *Snapchat*. Passam o dia assim, nas redes sociais. Então, me pergunto: o que eles passam o dia fazendo?

Lendo e escrevendo. Ler e escrever o tempo inteiro é o que os alunos fazem (e nós, confessemos ou não, também). E por que, então, quando perguntamos se eles costumam escrever ou ler, eles respondem que não? E por que nós, professores, continuamos a afirmar que eles não leem e não escrevem? Talvez estejamos pensando em uma forma de leitura específica, e não aquelas que eles praticam. E, se ponderarmos, não são somente os alunos, os jovens que praticam. Nós também praticamos. Cobramos os alunos algo que também devemos. A maioria de nós, adultos, pais, professores, perde um tempo imensurável na internet, entre leitura, post, mensagem, e nem percebe.

Que formas de leitura são essas que nos consomem tanto tempo, que são parte tão importante na nossa vida, a ponto de estarem presentes na maioria das nossas interações na internet e que, ao mesmo tempo, não reconhecemos como leitura? E por

que não reconhecemos? O leitor digital ou o navegador (CHARTIER, 1999) não é um leitor? Nesse sentido, são importantes algumas considerações sobre a leitura hoje em dia. A primeira coisa é pensar que, assim como a leitura mudou no decorrer dos séculos, acompanhando as mudanças na sociedade, no homem, no modo de viver – ela ainda está mudando. Da mesma forma que hoje temos preconceitos e dificuldades em entender as formas de leitura que há, houve reações muito parecidas quando ocorreram mudanças no passado, representadas, por exemplo, no alarmismo sobre os perigos de qualquer pessoa poder ter acesso a livros. Ou seja, é natural que a leitura mude, afinal, ela é parte dos hábitos humanos, e muda à medida que os modos de viver também mudam (CHARTIER, 1999). E é natural também haver resistência em reconhecer esses novos movimentos.

O mundo líquido – como Bauman chama (2001) –, em que vivemos hoje, é fragmentado, veloz, cheio de pecinhas que encaixamos todos os dias em ordens diferentes, de acordo com o que desejamos. As necessidades, os desejos, a vida está fluida, inconstante, mutável, volátil. Do mesmo modo, as formas de escrever e ler mudaram – tornaram-se, também, fragmentadas e múltiplas. A escrita hoje, mais do que nunca, é multimodal (DOMINGOS; KLAUCK; MASTROBERTI, 2016), ou seja, se apoia em diversos modos de expressar (som, imagem, palavra, fonte etc.), e é fragmentada, curta, rápida, em transformação. E ela nunca foi tão presente nas nossas vidas. A leitura segue o mesmo caminho – se transformou numa leitura que acompanha nossa vida. É rápida, curta, instável, fragmentada, em movimento, constante. Nossos olhos passam por mil fontes em minutos, leem o que interessa e descartam o que é longo, muito profundo ou pouco condensado. Ler no *Whatsapp*, ler no *Facebook*, ler memes, ler em hiperlink são formas de ler também. O leitor digital, diz Chartier (1999), também é leitor, e tem suas particularidades. Não sabemos se essa nova forma de leitura vai substituir aquela que conhecemos antes – a leitura mais densa, mais profunda, mais demorada. Ambas parecem coexistir e não se excluem, servem a diferentes momentos e propósitos.

É importante considerar que hoje, ao contrário do aconteceu por muitos séculos, o acesso à leitura é um tanto mais amplo e democrático. Mais do que isso, há muitos materiais de leitura: como acompanhar tudo? Com leitura dinâmica, rápida, com uma

leitura que vai de um canto a outro, que é frenética, que procura, que abre links, que mistura conteúdos. É a hiperleitura (DOMINGOS, 2015). É a leitura de vários materiais ao mesmo tempo, sendo realizada no meio de outras várias atividades simultâneas. A maioria de nós a realiza o tempo todo. No entanto, quando os mais jovens realizam a hiperleitura ou quando se perdem nessa leitura e ignoram nossa proposta de leitura imersiva, achamos escandaloso e não percebemos a grande contradição que se coloca. Muitas vezes, pensamos que é errado usar celular em sala de aula, pois achamos que o aluno não consegue focar, pois está focado no celular. Não seria interessante questionarmos o que é foco no mundo de hoje? Nosso foco cada vez mais deu lugar à *dispersão* [termo usado por Chartier (1999) e em inúmeras falas de Bauman]: há um *spray* de informações e somente nos aprofundamos quando alguma delas nos apela de alguma forma. O que os alunos já perceberam, e que nós às vezes não notamos, é que no mundo de hoje é importante saber fazer várias coisas ao mesmo tempo. Estar na aula, prestar a atenção, responder *Whatsapp*, olhar o *Face*, falar com o colega e ainda completar o exercício. Parece loucura, mas é nesse mundo em que vivemos, nos adaptamos ou não. Nós, adultos que nascemos antes dos anos 90, conhecemos outra realidade; esse novo mundo nos parece estranho e às vezes relutamos em aceitá-lo. Mas nossos alunos ou nossos filhos raramente têm essa visão comparativa que temos: nasceram nesse contexto, é a única realidade que conhecem. Não há nada sem internet, sem redes sociais, sem interação online. Quando lutamos contra isso em sala de aula, ao invés de conversar, debater a respeito, me parece que queremos que a escola seja um ambiente artificial, sem tecnologia digital, e que dificilmente vai ser reproduzido em qualquer âmbito no século XXI. Tentamos criar uma situação de completa atenção, de silêncio, de introspecção, que nos remete a um passado que nos alenta, mas cuja quietude dificilmente encontramos hoje. Mostrar que existe essa possibilidade é essencial, e ampliar a perspectiva do aluno e as possibilidades de ver o mundo, de se inserir e agir nele é nosso papel como professores. É importante apresentarmos essa possibilidade de dedicação às coisas, mas também devemos lembrar que ela não é a única forma de ler, de aprender, de conhecer. Além disso, é bem provável que, em sua vida adulta, o aluno continue se deparando com situações no trabalho e na vida pessoal em que terá que se multiplicar

para ser capaz de fazer suas atividades, olhar sua página no Facebook, responder mensagens, atender o colega, ouvir música... tudo simultaneamente.

A reflexão que proponho não é a de que devemos nos entregar completamente à ideia de que nunca mais seremos capazes de fazer uma leitura profunda. A leitura profunda, introspectiva, demorada, dedicada é linda, importante, e muito prazerosa. E é salutar que as novas gerações tenham a oportunidade de conhecê-la e de praticá-la. Ao entender as formas de leitura que existem no mundo hoje, a ideia é a de que reflitamos sobre o que o senso comum vê como o apocalipse, a extinção, o fim da leitura. Essa é uma perspectiva alarmante e uma forma inocente de ver essa prática: como se a leitura fosse algo estático desde seu surgimento, e que a mudança causaria seu declínio, ignorando que a leitura é uma atividade em transformação, mutável, mutante, e que teve muitas facetas ao longo do tempo.

Temos que olhar para as novas práticas de leitura (e escrita) e refletir sobre elas. É imprescindível percebermos que, hoje, muito do conhecimento, da informação, das interações humanas acontece nessa nova forma de escrever e nessa nova forma de ler, a hiperleitura (DOMINGOS, 2015), e que elas também podem ser modos muito ricos de produzir sentidos e novos tipos de textos. A leitura múltipla e movimentada que fazemos hoje requer uma série de habilidades que se deve desenvolver. Existe um processo de aprendizagem desse tipo de leitura, já que ela envolve várias mídias que se combinam para gerar sentido: som, fonte, imagem, palavra, e acontece na convergência de vários textos. As gerações mais jovens, que sempre acessaram conteúdos dessa forma, também precisaram de um caminho para entendê-los. E esse caminho foi natural e espontâneo e, por isso, muitas vezes, não é reconhecido. Reconhecer e ver como legítimas as práticas de leitura contemporâneas é essencial para que possamos refletir sobre elas, e pensar a que necessidades respondem, que sentidos constroem, e, como expressão humana, como podem nos ajudar a compreender o mundo em que vivemos.

Referências

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade ILíquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1999.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari Domingos. *Hiperleitura e esrileitura*. Convergência digital, Harry Potter, Cultura de fã. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.

DOMINGOS, Ana Cláudia; KLAUCK, Ana Paula; MASTROBERTI, Paula. Multimodalidade textual e formação do hiperleitor. In: FLORES, Onici; GABRIEL, Rosângela (Orgs.). *O que pais e professores devem saber sobre leitura*. No prelo.

FERNÁNDEZ, Gretel M. Eres; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. Leitura: da antiguidade ao século XXI. In: *Revista UFMG*. Ano XIII, N° úmero 11. Dezembro 2011.

LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: Senac, 2011.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.